

## O papel do historiador

Djalma Augusto dos Santos Mello

Setembro de 2018

Desde o primeiro historiador Heródoto, até o presente momento, a História do homem e das sociedades já passou por continuidades e descontinuidades, processos fundamentais para entendermos silogismos desde o filósofo Aristóteles, um equilíbrio de ideias perante os elementos que fornecem para o historiador a capacidade inaudita de ter um olho clínico sobre o tempo que vive e estabelecer relações com a História, sem que caia nas armadilhas do anacronismo. Marc Bloch escreveu que alguns ainda apresentam um olhar equivocado ao dizerem "que a História é uma Ciência do Passado".

Nem História e nem os historiadores são, respectivamente, somente museus e nem antiquários. A História enquanto ciência, é semanticamente viva no passado, presente e visualizando o futuro, sobretudo, através do sumiço de civilizações da face da terra por diversos motivos, mas que nem por isso, suas culturas morreram, deixando legados na escrita, na linguagem, no folclore, enfim, heranças que foram permeadas ao longo dos séculos ou que são relativamente recentes, vistas de uma forma híbrida pelos historiadores.

Não se deve romantizar as ações mais cruéis da espécie humana, principalmente, durante e pós as guerras civis e nas diversas guerras que aconteceram desde a Antiguidade Oriental. Obviamente, os historicistas do final do século XIX para o início

# AVL

## Academia Volta-redondense de Letras

---

do século XX, dentre eles, o expoente do seu tempo e criador do historicismo, o filósofo alemão Wihelm Dilthey escreveram e pensaram as relações da natureza humana diante de um mundo em processo de modernização do sistema capitalista, vigorados pelos intelectuais positivistas que enalteciam um processo civilizador desde antes da Revolução Francesa (1789). A História se consolidou como ciência no século XIX com um forte apelo revisionista através da História da Política. A política já era um laboratório aristotélico desde Hegel com a sua obra A fenomenologia do espírito e Immanuel Kant com as célebres obras Crítica da Razão Prática e a Crítica da Razão Pura, onde platonicamente os observadores da História como esses pensadores [Aufklärung], davam toda a carga de seriedade para a História, e cujo os resultados contribuíram na posteridade para os historiadores dos séculos XIX e XX. Diferente dos filósofos que buscam a verdade, apesar de Nietzsche ter dito no último quartel do século XIX que o filósofo não é o proprietário da verdade o historiador também não monopoliza e nem manipula o devir histórico. A problematização da História enquanto ciência evidencia a necessidade de relativizar de uma forma kantiana essa ciência com ponderação e sem fazer qualquer tipo de julgamento. Para o historiador Carlo Ginzburg, a História é uma colcha de retalhos com um tripé que não pode ser desprezado pelo historiador: o que é verdadeiro, o que é falso e o que é fictício.

Ao longo do século XIX e nos primeiros 28 anos do século XX, historiadores olhavam para o alto, a cultura erudita que era amamentada pela burguesia dita civilizada, porém após o nascimento da Escola dos Annales com o Marc Bloch e Lucien Febvre em 1929, a problematização da História vai de encontro com novas metodologias, mas sem subtrair a dialética moderna sobre o Materialismo Histórico com Karl Marx, o Materialismo Dialético com Walter Benjamim e Antonio Gramsci e o Materialismo Metafísico com

# AVL

## Academia Volta-redondense de Letras

---

Heidegger, Hannah Arendt e Jean- Paul Sartre. A pluralização da História fez com que os historiadores entendessem que a Geografia, a Antropologia e a Sociologia dariam um novo peso para a os historiadores, onde muitos olham somente a crueldade nas ações mais vis da espécie humana, o historiador se infiltra em suas fontes para compreender a "razão", mesmo que seja o mais frágil dos argumentos e sem deturpar a ordem dos acontecimentos na percepção metafísica de Michel Foucault. Cada recorte histórico de um historiador torna-se um filtro para entendermos de uma forma detetivesca, se as fontes primárias para a pesquisa corroboram com culturas, o que Fernand Braudel chama de "longa duração", também conhecida como mentalidades ou uma nova ruptura que fica escamoteada nas próprias fontes. O historiador, enquanto um pesquisador torna-se enfático ao deixar mais uma peça para a sociedade civil e para o futuro.

### **Bibliografia:**

- BLOCH, Marc. Apologia da História ou o ofício de historiador - Rio de Janeiro, RJ. Ed. Zahar. 2001;
- BARROS, José D'Assunção Barros. O tempo dos historiadores - Petrópolis, RJ. Ed. Vozes. 2013;
- BARROS, José D'Assunção Barros. Teoria da História: os paradigmas revolucionários - Petrópolis, RJ. Ed. Vozes. 2011;
- FARGE, Arlette. Lugares para a História - Belo Horizonte, MG. Ed. Autêntica. 2011;
- POCOCK, J.G.A. Linguagens do ideário político - São Paulo, SP. Ed. USP. 2013.